

Heráldica Rejeitada. Um fracassado projeto de heráldica para as unidades orgânicas do Politécnico de Lisboa

Paulo Morais-Alexandre

Académico Fundador da Academia Lusitana de Heráldica

«Ao contrário do que seria de esperar, a Heráldica dos nossos Institutos Universitários merece as maiores críticas quanto à sua concepção e à sua realização artística.»

Franz Paul de Almeida Langhans¹

Introdução

São raros os estudos sobre heráldica relativa aos estabelecimentos de ensino superior, embora esta matéria já tenha sido aludida ou estudada, entre outros, por Franz Paul de Almeida Langhans, que acima se cita, que em *Heráldica Ciência de Temas Vivos* havia feito um pequeno levantamento, onde mostrava que o panorama na última metade do século XX em Portugal não tinha particular qualidade, tendo formulado mesmo a distinção dos níveis a que tal se passava: a montante, o da ordenação, mas também a jusante, o da realização plástica da heráldica. Registe-se que à altura desta publicação, em Portugal, existiam apenas três universidades, Coimbra, Lisboa e Porto que, como Langhans registava, tinham simbologia «[...] inspirada mais pela Esfragística do que pela Heráldica [...]»². Citava, pela utilização das armas de Portugal o «expressivo ordenamento das

Armas da Universidade de Évora [...]»³ que havia sido extinta ainda no século XVIII e deixava ainda publicado que a demais simbologia, pela sua falta de qualidade, nem merecia ser referida⁴.

Muito mais completo era o trabalho de Nuno Oliveira e Miguel Seixas - *Heráldica Universitária: Subsídios para o Ordenamento Heráldico da Universidade Lusíada*⁵, com um completo estudo sobre esta área da heráldica e, onde, no terceiro capítulo, era feito um levantamento da situação, ao tempo da publicação, em Portugal, sendo dissecadas as estruturas com heráldica e as com demais emblemática⁶, para depois avançar com a estruturação da heráldica na Universidade Lusíada⁷. Também na tese de doutoramento do autor do presente estudo, a título de introdução, era feita uma sintética análise do panorama heráldico do ensino superior em Portugal⁸. Já

3 - Ibidem, p. 385.

4 - «Dos emblemas e marcas editoriais usados por certas Faculdades e Institutos Científicos nem vale a pena falar. São tão vulgares e inestéticos que, por decoro das Artes e do Pensamento, não se devem mencionar.» Cit. ibidem, p. 386.

5 - Humberto Nuno de Oliveira; Miguel Metelo de Seixas - *Heráldica Universitária: Subsídios para o Ordenamento Heráldico da Universidade Lusíada*. Lisboa : Universidade Lusíada / Academia Lusitana de Heráldica, 2004.

6 - Ibidem, pp. 51-56.

7 - Ibidem, pp. 71-80 e 87-101.

8 - «Heráldica dos estabelecimentos de ensino – o caso do ensino superior» in Paulo Jorge Morais Alexandre - *A Heráldica do Exército na República Portuguesa no século XX*. Tese de doutoramento. Coimbra : Universidade de Coim-

1 - Cit. F. P. de Almeida Langhans - *Heráldica Ciência de Temas Vivos*. Lisboa : Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, 1966, vol. 1, p. 384.

2 - Ibidem, p. 385.

em “A Heráldica e a Falerística do Politécnico de Lisboa: um exemplo de cultura e arte” novos dados eram aduzidos, nomeadamente relativamente a desenvolvimentos mais recentes, já com a análise do abandono, por algumas instituições de ensino superior, da simbologia heráldica⁹.

Há a referir diversos estudos relativos a aspetos menos curiais da Armaria, nomeadamente alusivos à Heráldica Imaginária¹⁰ e, até mesmo, às “Armas a contragosto”¹¹, mas são desconhecidas publicações relativas a ordenações que foram feitas, mas jamais foram utilizadas e saíram frustradas pela sua não aceitação, podendo os motivos ser os mais variados, desde a falta de qualidade do que era proposto, por serem incorretas ou por rejeição do próprio sistema heráldico, como linguagem simbólica a utilizar, para representar entidade coletiva ou singular.

No presente artigo ensaia-se um estudo so-

bre um caso que se considera exemplar relativamente ao que é, no presente, o papel, ou melhor, a consideração ou perceção que se tem desse papel, da heráldica ocupacional como recurso para a simbologia de instituições, nomeadamente de estabelecimentos de ensino superior e suas unidades orgânicas e contribui-se com alguns subsídios para a compreensão da “guerra” travada entre os logótipos e a heráldica, que os primeiros parecem ir vencendo.

A atualidade, ou não, da utilização de heráldica na simbologia dos estabelecimentos de ensino superior, bem como as suas unidades orgânicas, parece ser pouco comum, sobretudo nas novas instituições, preferindo muitas vezes as recém-formadas estruturas a utilização de logótipos que vão sendo atualizados com maior, ou menor, frequência à heráldica, que apesar do trabalho de esclarecimento, na maior dos casos um trabalho debalde e frustrante dos heraldistas em diversos fóruns em o desmentir, continua a ser associada à heráldica de família, à nobiliarquia, ao conservadorismo, a um passado que se quer remoto, em suma a um anacronismo que já devia estar extinto, a que não se pretende qualquer associação.

Assim, de nada servem bons exemplos como o excecional desenvolvimento da heráldica ocupacional associada às forças armadas em Portugal, sobretudo com os casos exemplares do Exército e da Marinha Portuguesa, com armoriais absolutamente excecionais ou, no caso da heráldica de domínio, da transformação permitida pela legislação que possibilitou às juntas de freguesia a adoção de heráldica própria, caindo por terra quaisquer argumentos de nobiliarquia, ou conservadorismo, quando se verifica que as juntas de freguesia onde tradicionalmente o Partido

bra. 2009, pp. 120-122. Disponível em Estudo Geral - Repositório Digital da Universidade de Coimbra. Endereço: <http://hdl.handle.net/10316/12166> . Acedida em 2023, abril, 4.

9 - A Heráldica e a Falerística do Politécnico de Lisboa : Um exemplo de Cultura e Arte” in *Atas do XXIX encontro da AULP – Arte e Cultura na Identidade dos Povos*. Lisboa : Associação das Universidades de Língua Portuguesa, 2019. Disponível em *Repositório Científico do Instituto Politécnico de Lisboa*. Endereço: <http://hdl.handle.net/10400.21/11317>. Acedido em 2023, abril, 3.

10 - Veja-se, a tipo de exemplo, o artigo de Pedro Sameiro - “A heráldica dos Reis Magos, um caso de heráldica de fantasia” in *Armas e Troféus*. Lisboa, 1995, janeiro-dezembro, 6.ª série, tomo 6.º, pp. 39-46. Miguel Metelo de Seixas em “Bibliografia de heráldica medieval portuguesa” faz um bem mais completo levantamento sobre a bibliografia deste tema heráldico. Cf. “Bibliografia de heráldica medieval portuguesa” in Miguel Beirão de Almeida Metelo de Seixas; Maria de Lurdes Rosa (Coords.) - *Estudos de Heráldica Medieval*. Lisboa : Instituto de Estudos Medievais, Centro Lusíada de Estudos Genealógicos e Heráldicos, Caminhos Romanos, 2012. Disponível em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/12538/1/Biblio.pdf> . Acedido em 2023, abril, 3. p. 572.

11 - Veja-se a este respeito de Jorge Manuel Guerreiro Vicente - “Armas a contragosto” in *Tabardo*. Lisboa : Centro Lusíada de Estudos Heráldicos e Genealógicos/Universidade Lusíada, 2006, n.º 3.

Comunista Português ganhava as eleições, rapidamente adotaram soluções heráldicas e com estas se identificaram.

As ilustrações das armas propostas no presente artigo são meras hipóteses de medíocre qualidade plástica, destinando-se apenas a possibilitar a sua visualização, não tendo qualquer outra pretensão. Não se trata de desenhos originais, derivando o que é apresentado de meras montagens amadoras, realizadas pelo autor do texto, que não tem, nem pretende ter, quaisquer capacidades como ilustrador. São feitas a partir de desenhos já pré-existentes encontrados em livros de heráldica e não só, mas também na internet, desenhos que depois foram rudimentarmente colados e ordenados de forma a que se perceba visualmente do que se fala e o que se propõe.

A batalha entre a Heráldica e os Logótipos

Um equívoco que importa desfazer é relativo à incompatibilidade entre soluções heráldicas e soluções baseadas no design de logótipos, com o argumento que uma impede a outra. Trata-se de um equívoco que se desfaz muito facilmente, podendo ser apresentado um número enorme de exemplos de são convívio entre ambas soluções, nomeadamente na heráldica de domínio, mas também na própria heráldica ocupacional e, mesmo, na heráldica dos estabelecimentos de ensino superior.

Ao nível da heráldica de domínio veja-se o caso da simbologia da Câmara Municipal de Lisboa, com armas fixadas de há muito¹² (fig. 1), onde estas vão convivendo com logótipos

12 - Veja-se, por exemplo, a este respeito de Quirino da Fonseca – “O Brasão da Cidade de Lisboa” in *Boletim da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Separata). Lisboa : 1921, ou Jaime Lopes Dias - *Brasão de armas, selo e bandeira da cidade e município de Lisboa*. Lisboa : Câmara Municipal de Lisboa, 1960.

que vão sendo alterados ao sabor dos diversos gabinetes de comunicação e presidências (figs. 2 a 4), podendo ser citados dezenas de outros casos de coexistência “pacífica”, nomeadamente na maior parte dos municípios portugueses.

1 - Armas da Câmara Municipal de Lisboa



2 - Antigo logótipo da Câmara Municipal de Lisboa



O TIMBRE

3 - Antigo logótipo da Câmara Municipal de Lisboa



4 - Atual logótipo da Câmara Municipal de Lisboa



Ao nível da heráldica ocupacional, o Exército Português é um magnífico exemplo da coexistência das duas linguagens visuais, com heráldica estável (fig. 5) e logótipo (fig. 6).

5 – Armas do Exército Português



6 – Logótipo do Exército Português



Por fim, no caso dos estabelecimentos de ensino superior, cite-se o caso da Universidade do Minho que, não obstante ter adotado um logótipo (fig. 7), mantém o uso e a informação relativa ao seu brasão-de-armas (fig. 8)¹³.

13 - "Brasão" in *Universidade do Minho. Sítio Institucional*.

7 – Logótipo da Universidade do Minho



8 – Armas da Universidade do Minho



Não obstante a possibilidade de coexistência de duas formas de simbologia diversa e que se podem complementar, importa referir, nesta “luta” entre heráldica e logótipos, há já vários casos de abandono de heráldica bem ordenada, com a sua substituição por logótipos, como sucedeu com a Ordem dos Revisores Oficiais de Contas, com armas bem ordenadas, por José Manuel Pedroso da Silva, e bem iluminadas, por José Colaço (fig.

Disponível em: <https://www.uminho.pt/PT/uminho/Simbolos-e-Hino/Brasao/Paginas/default.aspx>. Acedido em 2023, abril, 10.

9), que num “refrescamento” de imagem as abandonou, substituindo-as por um logótipo de muito pior qualidade gráfica, que permite eventualmente uma muito enviesada leitura heráldica, mas ao arrepio das regras da ciência heroica¹⁴ (fig. 10).

9 – Armas da Ordem dos Revisores Oficiais de Contas



10 – Logótipo da Ordem dos Revisores Oficiais de Contas



14 - Veja-se a este respeito de Paulo Morais-Alexandre - “O Gabinete de Heráldica do Exército e a heráldica associativa” in *O Timbre*. Lisboa: Academia Lusitana de Heráldica, 2013, n.º 1, pp. 52-53. Disponível em Repositório Científico do Instituto Politécnico de Lisboa. Endereço: <http://hdl.handle.net/10400.21/4373>. Acedido em 2023, abril, 5.

O TIMBRE

O abandono da heráldica em favor dos logótipos também foi possível verificar em estabelecimentos de ensino superior, sendo disso exemplo o do Instituto Politécnico de Bragança que abandonou a solução heráldica para adotar uma nova solução. No caso do Instituto Politécnico de Castelo Branco, mantém-se uma alusão à heráldica, embora com um erro crasso.¹⁵

A Heráldica do Politécnico de Lisboa

O caso do Politécnico de Lisboa é assaz curioso, com a criação de um primeiro logótipo, posteriormente duas vezes reformado (figs.11 a 13), só depois avançando para a criação heráldica, mas mantendo até ao presente os dois sistemas em vigor.

11 – Primeiro logótipo utilizado pelo Politécnico de Lisboa



15 - Veja-se a este respeito o já citado artigo de Paulo Morais-Alexandre - "A Heráldica e a Falerística do Politécnico de Lisboa : Um exemplo de Cultura e Arte", pp, 47-50.

12 - Logótipo anteriormente utilizado pelo Politécnico de Lisboa



13 – Atual logótipo do Politécnico de Lisboa



A criação de armas para o Politécnico de Lisboa nasce no remoto ano de 2007, numa conversa informal com o então presidente do Politécnico de Lisboa, Prof. Luís Vicente Ferreira, onde houve ocasião para referir a este dirigente que a instituição a que pre-

sidia tinha simbologia, vulgarmente designada como logótipo, da qual derivava a sua vexilologia e falerística, mas não tinha heráldica própria, nem traje para os professores¹⁶. Daqui derivou o pedido de uma proposta para a simbologia heráldica da instituição a que presidia. A proposta viria a ser aceite e o Instituto adotava simbologia heráldica¹⁷ (fig. 14).

14 – Armas do Instituto Politécnico de Lisboa



16 - Jorge Silva – “Instituto Politécnico de Lisboa adota Armas e Traje Académico” in *Politecnia : Revista do Instituto Politécnico de Lisboa*. Lisboa: 2010, janeiro, ano 8, n.º 23, pp. 10-13.

17 - Descrição das armas do Politécnico de Lisboa: Escudo: gironado de oito peças de negro e prata, uma nau entrecambada. Coronel: académico, composto por um arco liso com virolas nos bordos superior e inferior encimado por quatro lanternas bilícnias acesas, das quais duas são aparentes, o intervalo entre cada duas lanternas bilícnias acesas é preenchido por uma folha de figueira, tudo de ouro. Timbre: uma esfera armilar de prata. Grito de guerra: num listel de prata, ondulado, sobreposto ao escudo, em letras de negro, maiúsculas, estilo elzevir: “INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA”. Divisa: num listel de prata, ondulado, sotoposto ao escudo, em letras de negro, maiúsculas, estilo elzevir: “VBI SCIENTIA ET ARS, IBI SAPIENTIA ET PRAXIS”.

O processo de ordenação e adoção de armas pelo Politécnico de Lisboa já foi abordado num estudo do autor do presente texto titulado de “A Heráldica e a Falerística do Politécnico de Lisboa : Um exemplo de Cultura e Arte”¹⁸.

Mas, objetivamente ficava a faltar ao global do Instituto uma coerência em termos de utilização de simbologia, já que este compreende várias unidades orgânicas, pelo que se impunha, pelo menos para certas áreas, como a sigilografia, a diplomática ou a vexilologia, a adoção, por parte destas, de simbologia heráldica. Nesse sentido o presidente do Politécnico propôs ao autor do presente artigo uma apresentação e discussão, a este respeito, na presença de todos os presidentes e diretores das unidades orgânicas, numa reunião de Conselho Permanente do Politécnico de Lisboa. Esta jamais viria a ocorrer e o panorama mudaria totalmente com a tomada de posse de uma nova presidência.

Efetivamente, terminado o mandato do Professor Luís Vicente Ferreira, o panorama mudou completamente, nomeadamente devido a uma maior informalidade do novo empossado, mas também pela associação que este fazia e faz da Heráldica a algo de vetusto e mais ligado à nobiliarquia, o que levou a que, no presente, a situação seja assaz estranha, já que não há uma definição do que se pretende em termos de imagem para a Instituição ou, melhor, tal não é assumido. Assim, no presente, verifica-se que passou a haver uma coexistência, por vezes nem sempre pacífica entre heráldica e logótipo, não havendo sequer uma definição de quando é que cada solução é adotada, como o prova a encomenda de bandeiras com o novo logótipo.

18 - “A Heráldica e a Falerística do Politécnico de Lisboa : Um exemplo de Cultura e Arte”, ...

O TIMBRE

Se no anterior sítio da instituição havia informação relativa à heráldica do Instituto, aquando da reforma deste, deixou de existir qualquer referência a este respeito. Assim, na página designada como “Identidade” apenas é referido o logótipo, designado como «[...] identidade visual do Politécnico de Lisboa [...]»¹⁹ que até tem variantes, sendo inclusivamente publicado um “Manual de Normas Gráficas”²⁰, mas nada ocorre relativamente ao brasão-de-arms do Instituto, que até ao presente não consta que tenha sido abandonado. No momento em que o artigo é escrito verifica-se, aliás, que a heráldica é utilizada pelo menos na falerística e nas insígnias dos professores. No salão nobre dos Serviços da Presidência, a bandeira da instituição é a heráldica, mas já na sala de reuniões dos mesmos serviços é usada uma bandeira com o logótipo. Importa ainda referir que a algumas unidades orgânicas nunca chegou sequer a ser distribuída a bandeira heráldica, nem a mais recente simbologia baseada em logótipo, permanecendo uma bandeira baseada numa simbologia completamente anacrónica (fig. 15).

15 – Bandeiras do Gabinete do Presidente da Escola Superior de Educação de Lisboa em 31 de março de 2023

Armas para as diversas unidades orgânicas do IPL

Com a adoção de simbologia heráldica pelo Politécnico de Lisboa, as armas criadas poderiam e deveriam servir de ponto de partida para a ordenação das armas das diferentes

19 - “Identidade” in *Politécnico de Lisboa. Sítio Institucional*. Disponível em <https://www.ipl.pt/politecnico/comunicacao/identidade>. Acedido em 2023, abril, 5

20 - *Politécnico de Lisboa: Manual de Normas Gráficas*. Disponível em: https://www.ipl.pt/sites/default/files/comunicacao/22_Manual%20Normas%20Gra%CC%81ficas%20Politecnico%20Lisboa.pdf. Acedido em 2023, abril, 10.



unidades orgânicas. Foi a essa tarefa que o autor do texto se cometeu, começando por procurar estabelecer denominadores comuns a todas as armas a criar. Esses denominadores seriam facilmente estabelecidos com a simples adoção da mesma forma do escudo e do coronel que deveria ser comum a todas as armas e que também contribuiria para incrementar o espírito de corpo e de identificação com o Instituto, a saber:

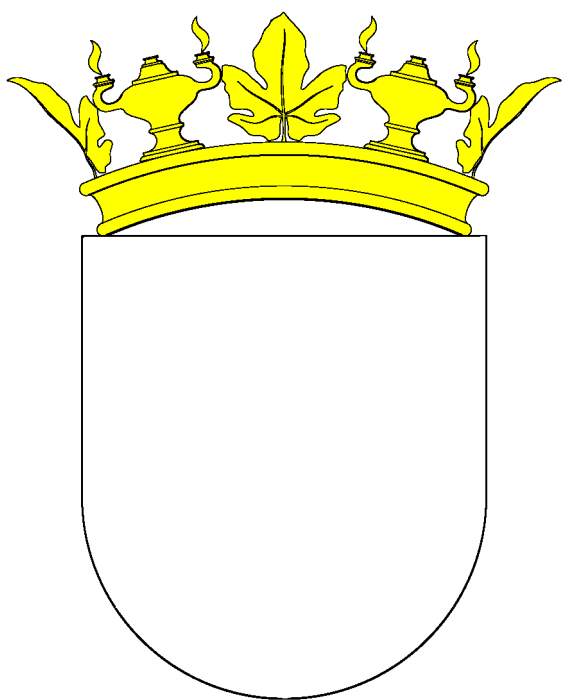
Escudo: Peninsular.

Coronel: Académico, composto por um arco liso com virolas nos bordos superior e inferior encimado por quatro lanternas bilícnias acesas, das quais duas são aparentes, o intervalo entre cada duas lanternas bilícnias acesas é preenchido por uma folha de figueira,

tudo de ouro (fig. 16).

Em termos de leitura simbólica a Lucerna Bilícnia simboliza a luz do espírito, a difusão do conhecimento e alude ao estudo como atividade primordial do Instituto. O número de chamas corresponde às duas vertentes por este cultivadas: as ciências e as artes. A Folha de Figueira, de uma espécie endémica em Portugal, simboliza a aplicação dos conhecimentos que caracteriza o ensino superior politécnico representando as ciências e artes alicerçadas na pesquisa e execução.

16 – Escudo e Coronel – Denominadores comuns a todas as armas propostas para o Politécnico de Lisboa



Entendia-se que, ao contrário da solução adotada na Universidade Lusíada, onde o timbre era comum a todos os organismos, o timbre deveria ser diferente, privilegiando-se um animal, o que permitiria até que este tivesse uma outra valência: já que poderia ser transformado em mascote da unidade orgânica e utilizado enquanto tal pela associação de estudantes respetiva.

Do acolhimento das propostas

Foi feita a proposta aos vários presidentes das unidades orgânicas, em alguns casos com melhor acolhimento e noutros com a rejeição total. Relativamente a algumas propostas houve pedidos de alteração, de adequação à missão do organismo, ou outras. Infelizmente, por um motivo, ou outro, num caso a unidade orgânica estava à espera de alteração na designação; noutro, apesar do total acordo da direção, as condições políticas eram adversas; ainda num outro caso foi afirmado de forma abstrata que não estavam criadas condições, pelo que não houve a adoção de qualquer das propostas.

A rejeição total derivou de um conjunto de argumentos, muitas vezes fundado em preconceitos e na ignorância, o que para os heraldistas não é inédito, sendo aduzidos vários argumentos, nomeadamente que a heráldica está ligada ao regime monárquico, que a heráldica é uma coisa do passado e logo anacrónica, sendo ainda referido que a utilização da armaria é para a nobreza, que é associada ao espectro político da direita, que os logotipos é que são modernos e representam bem a instituição, etc. De nada valeria a argumentação em contrário, nomeadamente com a enumeração de bons exemplos de vários tipos, nomeadamente que a heráldica não está associada ao Antigo Regime já que continua a existir na República, que não está associada ao passado, sendo referida a já citada interessantíssima renovação da heráldica autárquica portuguesa, derivada da publicação da lei n.º 53/91 de 7 de Agosto de 1991²¹, que trazia a possibilidade das freguesias adotarem heráldica; que esta não está associada ao espectro político da

21 - “Lei n.º 53/91 de 7 de Agosto” in *Diário da República*. Lisboa :1991, agosto, 7, 1.ª série A, n.º 180, pp. 3904-3906, também transcrita in António de Sousa Lara e Benjamin Quaresma Dinis – *Genealogia, Heráldica e Ciências Sociais*. Cacém : Pedro Ferreira Editor, 1991, pp. 171-180.

O TIMBRE

direita, como o prova a adoção recente de heráldica por freguesias dirigidas por maiorias de esquerda, nomeadamente comunistas; que não havia qualquer incompatibilidade com a manutenção da utilização dos logotipos, como sucede em tantas autarquias e também no próprio Politécnico de Lisboa, etc..

Registe-se, por fim, que em vários casos, os responsáveis máximos da instituição nem sequer quiseram tomar conhecimento da proposta, rejeitando-a liminarmente e sem qualquer justificação.

Escola Superior de Comunicação Social (ESCS)

O escudo de armas da Escola Superior de Comunicação Social passou por vários ensaios, nomeadamente a hipótese de um campo de azul com um dragão de ouro, animado e lampassado de vermelho (fig. 17), com este animal fantástico a aludir ao profissional formado pela ESCS, sempre guardião da estrita verdade da informação veiculada, ou, também em campo de azul, fretado de prata (fig. 18), simbolizando as redes de comunicação.

17 - Ensaio de ordenação do campo do escudo para as armas da Escola Superior de Comunicação Social



18 - Ensaio de ordenação do campo do escudo para as armas da Escola Superior de Comunicação Social



Optou-se por fim por uma proposta mais simples, mas também de maior impacto visual, uma fogueira, talvez a primeira forma de comunicação entre os humanos.

Para timbre um nautilus de prata e púrpura, iluminado de ouro, com uma importante leitura simbólica, relacionada com o desenvolvimento do pensamento, mas também a resistência perante a pressão. Acresce que se trata de um animal de que não se conhece qualquer ocorrência na heráldica nacional.

Ficava assim proposta a seguinte ordenação e simbologia para as armas da Escola Superior de Comunicação Social (fig. 19):

Descrição heráldica:

Escudo - de azul, uma fogueira de ouro, com chamas, no seu interior, de vermelho.

Coronel - académico, composto por um arco liso com virolas nos bordos superior e inferior encimado por quatro lanternas bilícnias acesas, das quais duas são aparentes, o intervalo entre cada duas lanternas bilícnias acesas é preenchido por uma folha de figueira, tudo de ouro.

Timbre - um nautilus de prata e púrpura,

animado de ouro.

Simbologia e alusão das peças:

A fogueira alude à mais antiga e elementar forma de comunicação entre humanos, o fogo.

O nautilus simboliza o desenvolvimento do pensamento, mas também a resistência perante a pressão e a comunicação entre as diversas culturas e povos.

Os esmaltes significam: O ouro, constância e firmeza; A prata, verdade, eloquência, riqueza na virtude e humildade nos procedimentos; O azul, integridade, zelo e lealdade; O vermelho, energia e audácia.; púrpura, ciência, qualidade, autoridade e sabedoria.

19 - Proposta de armas para a Escola Superior de Comunicação Social



Escola Superior de Dança (ESD)

A proposta para as armas da Escola Superior de Dança foi encontrada na atividade profissional ali ensinada, o pé que através da dança voa, e o timbre no próprio edifício onde a Escola foi instalada, não sendo, curiosamente, necessário um conjunto muito significativo de ensaios, já que se considera que as armas propostas simbolizam bem a atividade da Dança e o seu ensino.

Ficava assim proposta a seguinte ordenação e simbologia para as armas da Escola Superior de Dança (fig. 20):

Descrição heráldica:

Escudo - de azul, um pé alado de prata.

Coronel - académico, composto por um arco liso com virolas nos bordos superior e inferior encimado por quatro lanternas bilícnias acesas, das quais duas são aparentes, o intervalo entre cada duas lanternas bilícnias acesas é preenchido por uma folha de figueira, tudo de ouro.

Timbre - um cisne de prata, bicado de ouro.

Simbologia e alusão das peças:

O pé alado alude à capacitação que a escola confere aos seus alunos, nomeadamente a sua aptidão para a elevação no ar, o voo do bailarino.

O cisne alude à primeira sede própria da Escola Superior de Dança, o palácio na rua do Século em Lisboa, onde nasceu Sebastião José de Carvalho e Melo, futuro marquês de Pombal, cujas armas que usava, plenas de Carvalho, eram timbradas por um cisne. Alude também à mais célebre das coreografias de dança, o *Lago dos Cisnes, de Petipa*.

Os esmaltes significam: O ouro, constância e

O TIMBRE

firmeza; A prata, verdade, riqueza na virtude e humildade nos procedimentos; O azul, integridade, zelo.

20 - Proposta de armas para a Escola Superior de Dança



Escola Superior de Educação de Lisboa (ESELX)

O caso da Escola Superior de Educação era peculiar, em particular pela simbologia já existente que remete para a importância histórica do edifício em que a Escola está sediada, talvez o mais relevante edifício da primeira República Portuguesa, com a representação de uma janela. Assim, foram feitos diversos ensaios para o campo do escudo, com uma janela de prata, iluminada de ouro em campo de azul, mas eventualmente “medievalizada”, criando uma ligação à arte do Manuelino (fig. 21), ensaiou-se ainda uma

versão radicalmente diferente com, em campo de azul, uma macieira arrancada de ouro, folhada de verde e frutada de vermelho (fig. 22), para se perceber que a janela já utilizada podia e devia ser o móvel do escudo (fig.23).

21 – Ensaio de ordenação do campo do escudo para as armas da Escola Superior de Educação de Lisboa



22 - Ensaio de ordenação do campo do escudo para as armas da Escola Superior de Educação de Lisboa



23 - Proposta de ordenação do campo do escudo para as armas da Escola Superior de Educação de Lisboa



O mesmo sucedeu com o timbre, ensaiando-se várias versões, nomeadamente a já referida macieira, alusiva ao conhecimento, o corvo alusivo às armas da cidade de Lisboa, ou a ave íbis tradicionalmente associada à Sabedoria.

Ficava assim proposta a seguinte ordenação e simbologia para as armas da Escola Superior de educação de Lisboa (fig. 24):

Descrição heráldica:

Escudo - de prata, uma janela de azul.

Coronel - académico, composto por um arco liso com virolas nos bordos superior e inferior encimado por quatro lanternas bilícnias acesas, das quais duas são aparentes, o intervalo entre cada duas lanternas bilícnias acesas é preenchido por uma folha de figueira, tudo de ouro.

Timbre - um íbis de ouro, bicado e sancado de vermelho, animado de negro.

Simbologia e alusão das peças:

A janela alude à importância do edifício onde a escola está sediada, o mais emblemático edifício da primeira República Portuguesa, quer como património arquitetónico, já que se trata de um dos mais importantes projetos de Adães Bermudes, quer como património imaterial, simbolizando o ensino laico e a formação de professores destinados à formação universal e a luta contra o analfabetismo como desígnio do Estado.

A íbis simboliza a sabedoria.

Os esmaltes significam: O ouro, constância e firmeza; A prata, verdade, riqueza na virtude e humildade nos procedimentos; O azul, integridade, zelo.

24 - Proposta de armas para a Escola Superior de Educação de Lisboa



Escola Superior de Música de Lisboa (ESML)

À semelhança da Escola Superior de Dança, também no caso da Escola Superior de Música de Lisboa não houve lugar a muitos ensaios, remetendo a proposta de campo para a pauta, com as suas linhas e uma clave musical, não a mais óbvia, a de sol, mas antes uma com uma utilização menos frequente, mas mais antiga, a de dó, que permite aludir à raiz desta unidade orgânica na Escola da Capela Real de Lisboa, criação de D. João V no ano de 1713, de cujas tradições a ESML é indubitável herdeira.

Ficava assim proposta a seguinte ordenação e simbologia para as armas da Escola Superior de Música de Lisboa (fig. 25):

Descrição heráldica:

Escudo - de prata, uma clave de dó de negro.

O TIMBRE

Coronel - académico, composto por um arco liso com virolas nos bordos superior e inferior encimado por quatro lanternas bilícnias acesas, das quais duas são aparentes, o intervalo entre cada duas lanternas bilícnias acesas é preenchido por uma folha de figueira, tudo de ouro.

Timbre - uma ave-lira de ouro.

Simbologia e alusão das peças:

A clave de dó alude à leitura musical, bem como às antigas raízes da ESML na Escola da Capela Real de Lisboa, fundada pelo rei D. João V.

A ave-lira pela sua cauda alude a um dos mais antigos instrumentos, já constante da mitologia grega.

Os esmaltes significam: O ouro, constância e firmeza; A prata, verdade, riqueza na virtude e humildade nos procedimentos; O negro, a sabedoria e a honestidade.

25 - Proposta de armas para a Escola Superior de Música de Lisboa



Escola Superior de Teatro e Cinema (ESTC)

Relativamente às armas da Escola Superior de Teatro e Cinema foram feitos vários ensaios, que procuravam ligar as duas formas de Arte relacionadas com os departamentos da Escola, o Teatro e o Cinema, sendo os primeiros ensaios feitos com móveis mais convencionais e eventualmente mais facilmente identificáveis. Assim, ensaiou-se uma solução com uma máscara de tragédia grega de ouro em campo de negro (fig. 26), esta podia-se desenvolver numa variante, de um campo partido de prata e vermelho, com uma máscara de tragédia grega, de um no outro (fig. 27).

26 – Ensaio de ordenação do campo do escudo para as armas da Escola Superior de Teatro e Cinema



27 - Ensaio de ordenação do campo do escudo para as armas da Escola Superior de Teatro e Cinema



Considerava-se, no entanto, que a perceção da simbologia na vertente do cinema não era tão imediata, como a do teatro. Assim, partia-se para uma solução mais abstrata e com que os dois departamentos se pudessem identificar, um campo de negro, a sala às escuras, com um foco de prata, a luz do projetor de cinema ou de teatro. Para timbre uma fénix de vermelho, simbolizando o espetáculo renascido de cada vez que o projetor se liga.

Ficava assim proposta a seguinte ordenação e simbologia para as armas da Escola Superior de Teatro e Cinema (fig. 28):

Descrição heráldica:

Escudo - de negro, uma ponta de prata posta em banda.

Coronel - académico, composto por um arco liso com virolas nos bordos superior e inferior encimado por quatro lanternas bilícnias acesas, das quais duas são aparentes, O intervalo entre cada duas lanternas bilícnias acesas é preenchido por uma folha de figueira, tudo de ouro.

Timbre: Uma fénix de vermelho, bicada de ouro e lampassada de vermelho, em sua fogueira da imortalidade, do mesmo.

Simbologia e alusão das peças:

O negro do campo representa a sala às escuras onde o espetáculo decorre, ou o filme é projetado

A ponta de prata alude à luz do projetor

Os esmaltes significam: O ouro, força de saber, constância e firmeza; A prata, verdade, riqueza na virtude e humildade nos procedimentos; O vermelho, audácia da criação, energia e consciência do valor; O negro, honestidade.

28 - Proposta de armas para a Escola Superior de Teatro e Cinema



Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa (ESTESL)

Uma das unidades orgânicas com que se discutiu a possibilidade de, paralelamente à utilização do logótipo, ter simbologia heráldica foi a Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa, tendo sido feita uma aproximação ao presidente, o professor Manuel Correia, que assumiu que estava aberto a esta solução, mas que a fazia depender de uma mudança da designação da Unidade Orgânica, que previa que passasse a Escola Superior de Saúde de Lisboa, o que jamais veio a ocorrer.

As hipóteses suscitadas para o campo do escudo foram várias, nomeadamente a representação de uma planta com utilização na medicina, como o ginkgo biloba, (fig. 29) mas avançando-se depois para uma outra solução que incluía

O TIMBRE

três serpentes saintes de ouro em campo de púrpura.

29 - Ensaio de ordenação do campo do escudo para as armas da Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa



Ficava assim proposta a seguinte ordenação e simbologia para as armas da Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa (fig. 30):

Descrição heráldica:

Escudo - de púrpura, três serpentes saintes, de ouro, atadas e lampassadas de prata.

Coronel - académico, composto por um arco liso com virolas nos bordos superior e inferior encimado por quatro lanternas bilícnias acesas, das quais duas são aparentes, O intervalo entre cada duas lanternas bilícnias acesas é preenchido por uma folha de figueira, tudo de ouro.

Timbre - o centauro Quíron, de prata, com manto de púrpura, segurando na sinistra um ramo de árvore de prata do qual pendem dois coelhos e na dextra uma taça de ouro.

Simbologia e alusão das peças:

As serpentes são o símbolo sagrado da cura com a sua mudança cíclica de pele a representar também a libertação das doenças, sendo ainda símbolo da sabedoria.

O centauro Quíron simboliza a Saúde e aquele que é capaz de compreender a dor dos outros e jamais desiste de os ajudar e generosamente os curar, por vezes com sacrifício próprio.

A taça (*kantharos*) representa o recipiente que contém o medicamento que é dado ao enfermo e que o traz de novo à vida.

O ramo de árvore com os coelhos pendentes evidencia o desejo de aprendizagem do centauro que levou a que Apolo e Ártemis lhe transmitissem vários conhecimentos, nomeadamente as artes da caça. Este ramo pode ser também interpretado como um cajado, símbolo de autoridade e alude também ao facto de ter sido Quíron o mentor de Esculápio, cujo bastão, o caduceu, está intrinsecamente ligado à Saúde.

Os esmaltes significam: O ouro, constância, firmeza e fidelidade ao comportamento ético; A prata, verdade, riqueza na virtude e humildade nos procedimentos; A púrpura, ciência, qualidade, autoridade e sabedoria.

30 - Proposta de armas para a Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa



Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa (ISCAL)

O artigo n.º 7 dos estatutos do Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa, define que esta instituição «[...] tem bandeira, logótipo, timbre e outros símbolos próprios, a aprovar pelo Conselho de Representantes.» O Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa tinha, quando começou o estudo para uma proposta heráldica, já simbologia inserida dentro de um escudo, embora ao arripio da regra dos esmaltes heráldicos, já que se trata de um escudo cosido de vermelho e azul (fig. 31). Recentemente foi adotada nova simbologia que não tem qualquer relação, nem sequer cromática, com a anterior, sem qualquer significado que não a sigla da unidade orgânica e a data da fundação da Escola do Comércio de cujas tradições o ISCAL é herdeiro (fig. 32)²².

31 – Anterior escudo do Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa



22 - Cf. "Identidade Gráfica - ISCAL - Politécnico de Lisboa" in *Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa. Sítio Institucional*. Disponível em <https://www.iscal.ipl.pt/identidade-grafica-iscal-260>. Acedido em 2023, abril, 8.

32 - Logótipo do Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa

ISCAL EST. 1759

Ficava a ideia de aproveitar o campo do escudo que já existia, já tinha tradição, pelo que não se devia modificar substancialmente e para timbre ensaiavam-se diversas hipóteses, nomeadamente a cornucópia que representava a abundância ou o fio-de-prumo, pela verticalidade, etc., mas optando-se pela proposta do grifo, para representar a figura do guardião do tesouro.

Aproveitando-se assim a heráldica anterior que tinha tradição na Instituição, ficava proposta a seguinte ordenação e simbologia para as armas do Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa (fig. 33):

Descrição heráldica:

Escudo - partido de azul e de vermelho, um caduceu de prata firmado, composto por duas serpentes afrontadas, enroscadas num bastão, tendo este na parte superior duas asas.

Coronel - Académico, comum ao IPL e a todas as unidades orgânicas deste dependentes, composto por um arco liso com virolas nos bordos superior e inferior encimado por quatro lanternas bilícnias acesas, das quais duas são aparentes, O intervalo entre cada duas lanternas bilícnias acesas é preenchido por uma folha de figueira, tudo de ouro.

Timbre - Um grifo de prata, com garras de ouro, lampassado de vermelho, coroadado com coronel de marquês.

Simbologia e alusão das peças:

O TIMBRE

O caduceu, símbolo da Contabilidade, é formado por um Bastão que representa o poder, duas Serpentes que personificam a sabedoria, ou seja, a necessidade imperiosa do estudo antes da ação. As Asas salientam a importância da diligência, presteza, solicitude, dedicação e cuidado necessários à profissão.

O grifo, animal fantástico misto de leão e águia, ao representar a figura do guardião do tesouro, simboliza a atividade das áreas da contabilidade e da administração que implica a vigilância constante sobre os meios que lhe são confiados e a capacidade de os administrar.

O coronel de marquês que coroa o grifo alude ao fundador do Instituto, Sebastião José de Carvalho e Melo, 1.º marquês de Pombal, que por Alvará de 19 de Maio de 1759 instituiu a “Aula do Comércio” de cujas tradições e património histórico o ISCAL é herdeiro.

A lucerna bilícnia simboliza a luz do espírito, a difusão do Conhecimento e alude ao estudo como atividade primordial do Instituto. O número de chamas corresponde às duas vertentes por este cultivadas: as Ciências e as Artes.

A folha de figueira, de uma espécie endémica em Portugal, simboliza a aplicação dos conhecimentos que caracteriza o ensino superior politécnico representando as ciências e artes alicerçadas na pesquisa e execução.

Os esmaltes significam: ouro, riqueza, constância, firmeza e perseverança; A prata, verdade, riqueza na virtude e humildade nos procedimentos; O azul, probidade, zelo, lealdade e eficácia; O vermelho, energia, valor e fortaleza do espírito.

33 - Proposta de armas para o Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa



Instituto Superior de Engenharia de Lisboa (ISEL)

O caso do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa é particular a vários níveis. Tem esta unidade orgânica um símbolo particularmente complexo que tenta abranger todos os cursos aí ministrados²³ (fig. 34). Tal torna-

23 - «Símbolo / A origem e o seu significado / O símbolo do ISEL consiste num conjunto de elementos representativos dos vários cursos existentes no ISEL. Representativo dos cursos de Engenharia Química, encontramos o balão de Erlenmeyer e a retorta; dos cursos de Engenharia Mecânica a roda dentada; dos cursos de Engenharia Civil o esquadro e o fio de prumo; dos cursos de Engenharia Electrotécnica e Automação, as linhas e os postes de alta tensão, e dos cursos de Engenharia Electrónica e Telecomunicações e de Computadores um transistor estilizado. O conjunto destes elementos distribui-se num círculo, que representa a uniformidade e coesão do ISEL.» Cit. *Manual de Normas : Identidade Gráfica*, v.1.2, 2015, novembro, 11. p. 4. Disponível em https://isel.pt/sites/default/files/SCI/Identidade/manual_normas_parte_I_online_

-o particularmente confuso e eventualmente aproximado de alguma simbologia dos países de leste do tempo dos regimes comunistas. Acresce que com a criação de novas áreas, estas já não estarão representadas e não se poderão rever na simbologia existente, como a engenharia biomédica, ou a engenharia de qualidade e ambiente. Ironicamente pode-se, aliás, considerar que esta última pode, eventualmente, sentir-se representada, mas pela negativa, através das linhas e postes de alta tensão, tão perniciosos à saúde e à qualidade de vida dos que perto deles habitam, o mesmo se passando com a roda dentada, que também pode simbolizar a indústria do passado, bem poluente e inimiga do ambiente.

34 – Símbolo do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa



Contactado o à altura presidente da Instituição, engenheiro José Carlos Quadrado, este acolheu a ideia, sendo feitas vários estudos para o campo e, também, ensaiados diversos timbres.

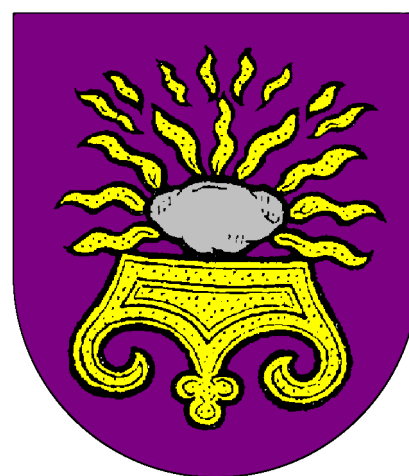
De todas as hipóteses encontradas, no sentido de se fugir a uma simbologia complexa, privilegiavam-se duas soluções para o campo: uma ponta ondata invertida de prata (fig. 35), que simbolizava o vapor, símbolo da Revolução Industrial, ou o fuzil de ouro e a pederneira de prata, alusivos à produção

do fogo, sendo preferida esta segunda solução (fig. 36).

35 – Ensaio de ordenação do campo do escudo para as armas do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa



36 - Ensaio de ordenação do campo do escudo para as armas do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa



Uma questão importante derivava da eleição cromática. Efetivamente o ISEL usa de há muito a cor bordô, no fundo a cor de tijolo, que considera mesmo património²⁴, mas que não corresponde a qualquer esmalte heráldico. Não obstante entende-se que na ordenação pode ser considerada a cor púrpura e que os

24 - Como está claramente exposto no *Manual de Normas - ISEL: «Património cromático / A cor oficial do ISEL é o bordeaux (vermelho escuro/tinto), definida como Pantone 484 C. Esta é única cor existente no logótipo ISEL [...]»* Cit. "Património Cromático" in *Manual de Normas : Identidade Gráfica, ...*, p. 11.

O TIMBRE

realizadores plásticos das armas a podem fazer avizinhar à tonalidade da cor habitualmente utilizada na simbologia do ISEL, até porque esta tem variado ao longo da História. A púrpura imperial dos tempos do império bizantino era muito aproximada desta cor, como se pode verificar nos vários mosaicos existentes em Ravena, nomeadamente no mosaico que representa o imperador Justiniano existente na basílica de Santo Apolinário-o-Novo, nesta cidade (fig. 37), pelo que se considera que se pode fazer esta aproximação cromática.

37 – Mosaico com representação do Imperador Justiniano.



Relativamente ao timbre propunha-se um animal com uma carga simbólica adequada, o “bicho engenheiro”, ou seja, o castor, animal conhecido pela capacidade de construção de diques em rios. O referido presidente, prof. José Carlos Quadrado, certamente para afirmar a autonomia que o ISEL gozava, preferia para timbre a utilização de uma esfera armilar de ouro (fig. 38), o que, atendendo a que

o Politécnico de Lisboa a tinha de prata, dificilmente poderia ser aceite. Com a saída de José Carlos Quadrado da presidência do ISEL e com a tomada de posse do seu sucessor, que tratou de reformar o logótipo, mas nunca se mostrou minimamente interessado na matéria da Armaria, não haveria até ao presente qualquer evolução em termos heráldicos²⁵.

38 – Ensaio de armas para o Instituto Superior de Engenharia de Lisboa



Considera-se, como melhor proposta, a seguinte ordenação e simbologia para as armas do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa (fig. 39):

Descrição heráldica:

Escudo - de púrpura, um fuzil de ouro e uma pedreneira de prata fazendo saltar uma faísca do primeiro.

25 - Haveria lugar a um “Redesign de marca” com a adoção de uma nova imagem gráfica que se justificava como «Reflexo da evolução temporal, do desgaste e acima de tudo do forte caráter datado de uma época, foi proposto o desenvolvimento de um redesign de marca, assente numa lógica de gestão de mudança.» Cit. “Redesign de marca : A nova marca” in *Manual de Normas : Identidade Gráfica, ...*, p. 5.

Coronel - académico, composto por um arco liso com virolas nos bordos superior e inferior encimado por quatro lanternas bilícnias acesas, das quais duas são aparentes, O intervalo entre cada duas lanternas bilícnias acesas é preenchido por uma folha de figueira, tudo de ouro.

Timbre - um castor de ouro.

Simbologia e alusão das peças:

O fuzil e a pedreneira fazendo saltar uma faísca aludem à mais fulcral das realizações do Homem, o domínio do Fogo, mas também a centelha necessária ao Ensino.

O castor simboliza a Engenharia.

Os esmaltes significam: O ouro, tradição gloriosa, constância e firmeza; A prata, verdade, riqueza na virtude e humildade nos procedimentos; A púrpura, ciência, qualidade, autoridade e sabedoria.

39 – Proposta de Armas para o Instituto Superior de Engenharia de Lisboa



Serviços de ação Social (SAS)

Relativamente aos Serviços de Ação Social propunha-se uma solução francamente simples, no campo simplesmente a inversão dos esmaltes das armas do Politécnico de Lisboa e por timbre, com todo o seu peso histórico e sobretudo simbólico o pelicano em sua caridade.

Ficava assim proposta a seguinte ordenação e simbologia para as armas dos Serviços de Ação Social do Politécnico de Lisboa (fig. 40):

Descrição heráldica:

Escudo - gironado de oito peças de prata e negro, uma nau entrecambada.

Coronel - académico, composto por um arco liso com virolas nos bordos superior e inferior encimado por quatro lanternas bilícnias acesas, das quais duas são aparentes, o intervalo entre cada duas lanternas bilícnias acesas é preenchido por uma folha de figueira, tudo de ouro.

Timbre - um pelicano de ouro, ferido de prata, com filhotes de ouro, em seu ninho de prata.

Simbologia e alusão das peças:

O gironado alude à bandeira do concelho de Lisboa, cidade onde o Instituto Politécnico de Lisboa está sediado. A nau alude à gesta marítima portuguesa, onde se aliaram, o conhecimento e a prática, só possíveis pelo cultivo das ciências e das artes, estabelecendo-se um paralelismo com o desiderato do Instituto.

O pelicano em sua caridade simboliza a capacidade de sacrifício para acorrer em benefício dos que necessitam de apoio, já que se acredita que esta ave protege de tal forma as suas crias que quando tem necessidade as

O TIMBRE

alimenta com o seu próprio sangue e carne.

Os esmaltes significam: O ouro, constância e firmeza; A prata, verdade, riqueza na virtude e humildade nos procedimentos; O negro, a honestidade.

40 - Proposta de Armas para os Serviços de Ação Social



Núcleo de Mar e Montanha do Instituto Politécnico de Lisboa (NAMMI)

Um caso excecional foi o pedido de ordenação de armas para o Núcleo de Mar e Montanha do Instituto Politécnico de Lisboa (NAMMI). Quando de forma voluntariosa, o professor Pedro Fazenda referiu ao presidente do Politécnico de Lisboa, prof. Elmano Margato, o desejo de ser criada uma simbologia para o NAMMI, este remeteu o proponente para o autor do presente texto, informando-o que este havia sido o responsável pela ordenação das armas do Politécnico de Lisboa, que poderia participar no processo, o que veio acontecer. O professor Pedro Fazenda elencou as atividades do núcleo e levantou várias possibilidades de móveis, daqui derivando várias propostas de parte a parte e que

resultaram na ordenação de armas corretas em termos heráldicos e nas quais os membros do organismo se reviam.

Ficava assim proposta a seguinte ordenação e simbologia para as armas do Núcleo de Mar e Montanha do Instituto Politécnico de Lisboa (fig. 41):

Descrição heráldica:

Escudo - de negro um remo de ouro posto em pala, acompanhados nos flancos de duas flores de ouro, abotoadas de vermelho e folhadas de verde, brocante um bordão e um piolet, todos de ouro, passados em aspa.

Coronel - Académico, composto por um arco liso com virolas nos bordos superior e inferior encimado por quatro lanternas bilícnias acesas, das quais duas são aparentes, o intervalo entre cada duas lanternas bilícnias acesas é preenchido por uma folha de figueira, tudo de ouro.

Timbre - Dois hipocampos de negro segurando um escudete do Politécnico de Lisboa.

Divisa - num listel de prata, ondulado, soto-posto ao escudo, em letras de negro, maiúsculas, estilo elzevir: “VBI CONCORDIA, IBI VICTORIA”.

Grito de guerra - num listel de prata, ondulado, sobreposto ao escudo, em letras de negro, maiúsculas, estilo elzevir: “NAMMI-IPL”.

Simbologia e alusão das peças:

O bordão, o remo e o piolet, simbolizam as atividades desportivas do núcleo.

As flores remetem para as decorações das embarcações tradicionais ribeirinhas do Tejo, um património que urge conservar.

Os hipocampos simbolizam a beleza e a fra-

gildade dos ecossistemas marinhos, cuja missão do NAMMI é proteger e preservar.

O escudete com o campo do escudo do IPL simboliza a ligação, mas também a fidelidade institucional, ao Politécnico de Lisboa.

A divisa “VBI CONCORDIA, IBI VICTORIA”, significa que onde há entendimento e harmonia se atingem os objetivos definidos, ou seja, a vitória.

“NAMMI-IPL” é o grito de guerra e simboliza a pertença ao NAMMI, mas também ao Politécnico de Lisboa.

Os esmaltes significam: O ouro, sabedoria e constância; A prata, verdade, riqueza na virtude e humildade nos procedimentos; O vermelho, a bravura e a generosidade; O verde, esperança e liberdade; O negro, firmeza.

41 - Proposta de Armas para o Núcleo de Mar e Montanha do Instituto Politécnico de Lisboa



Um projeto para o futuro

Não pode deixar de ser publicada a síntese da

atual imagem do Politécnico de Lisboa e das suas unidades orgânicas (fig. 42), com variados logótipos que não têm quaisquer denominadores comuns ou relação entre si e que em nada contribuem para a criação de um espírito de pertença a este estabelecimento de ensino.

Se for aproveitada a proposta heráldica, cuja síntese também se publica (fig. 43), verifica-se, desde logo, que há uma muito maior coerência na imagem, apesar da diversidade das ordenações, mas há a certeza que a adoção desta, ou de outra proposta heráldica, fortalecerá de imediato a identidade institucional do Instituto, para não falar de uma óbvia coerência visual, que no presente, como se evidencia à saciedade, não existe de todo.

Acredita-se que a solução que se propõe, ainda incompleta e obviamente a precisar de ser discutida, para que não haja armas nas quais os organismos armigerado não se revejam, é muito melhor a vários níveis, nomeadamente por trazer uma identidade visual à instituição que no presente não existe.

Registe-se, por fim, que proposta aqui apresentada já foi alvo de uma conferência no Instituto Politécnico de Lisboa, no dia 18 de março de 2022, aquando do lançamento da revista *Timbre*, n.º 3. Não deixa de ser significativo que nem um dos elementos do Gabinete de Comunicação e Imagem assistiu à mesma, apesar de convidados. Curiosamente mostrada posteriormente a proposta a um responsável, o comentário não podia ser mais demolidor, parecia a simbologia da saga Harry Potter...

Conclusão

Não obstante as diligências frustradas do autor do texto, a adoção da linguagem heráldica para simbologia das unidades orgâ-

O TIMBRE



42 – Conjunto dos logótipos do Politécnico de Lisboa e respetivas unidades orgânicas



43 – Armas em vigor do Politécnico de Lisboa e proposta de ordenação de armas para as respetivas unidades orgânicas

nicas do Politécnico de Lisboa continua por acontecer e é rejeitada, sem sequer poder ser apreciada, ou discutida.

Verifica-se, assim, o que é muito estranho num ambiente de ensino superior e de investigação, o total desinteresse em sequer conhecer a questão, uma rejeição prévia baseada em preconceitos injustificados.

Repete-se, em jeito de conclusão, que a solução heráldica não anula a manutenção de símbolo-

gia baseada em logótipos, mas, também, que as mudanças e “refrescamentos” de imagem que estes implicam são normalmente onerosos, enquanto que a heráldica é particularmente estável, logo financeiramente mais sustentável

Por fim, apesar do esforço ter sido feito de balde, considera-se que se lançou uma proposta curiosa, com um conjunto coerente de armas, que, não se tem dúvida, melhorariam a imagem corporativa da instituição e fortaleceriam e muito o seu espírito de corpo.

Bibliografia

Armorial do Exército Português. Lisboa : Estado Maior do Exército, 1996

Armorial do Exército Português : 1996-2014. Lisboa : Estado Maior do Exército, 1996

“Brasão” in *Universidade do Minho*. Sítio Institucional. Disponível em: <https://www.uminho.pt/PT/uminho/Simbolos-e-Hino/Brasao/Paginas/default.aspx>.

“Identidade” in *Politécnico de Lisboa*. Sítio Institucional. Disponível em <https://www.ipl.pt/politecnico/comunicacao/identidade> .

“Identidade Gráfica - ISCAL - Politécnico de Lisboa” in *Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa*. Sítio Institucional. Disponível em <https://www.iscal.ipl.pt/identidade-grafica-iscal-260> .

“Lei n.º 53/91 de 7 de Agosto” in *Diário da República*. Lisboa : 1991, agosto, 7, 1.ª série A, n.º 180

Manual de Normas : Identidade Gráfica, v.1.2, 2015, novembro, 11. p. 4. Disponível em https://isel.pt/sites/default/files/SCI/Identidade/manual_normas_parte_I_online_version.pdf

Politécnico de Lisboa : Manual de Normas Gráficas. Disponível em: https://www.ipl.pt/sites/default/files/comunicacao/22_Manual%20Normas%20Gra%CC%81ficas%20Politecnico%20Lisboa.pdf.

ALEXANDRE, Paulo Jorge Morais - *A Heráldica do Exército na República Portuguesa no século XX*. Tese de doutoramento. Coimbra : Universidade de Coimbra. 2009. Disponível em *Estudo Geral - Repositório Digital da Universidade de Coimbra*. Endereço: <http://hdl.handle.net/10316/12166> .

BANDEIRA, Luís Stubbs Saldanha Monteiro - *Vocabulário Heráldico*. Lisboa : Edições

Mama Sume, 1985

CADENAS Y VICENT, Vicente de - *Diccionario Heraldico*. Madrid : Hidalguia, 1989

DIAS, Jaime Lopes - *Brasão de armas, selo e bandeira da cidade e município de Lisboa*. Lisboa : Câmara Municipal de Lisboa, 1960

FONSECA, Quirino da - “O Brasão da Cidade de Lisboa” in *Boletim da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Separata). Lisboa : 1921

LANGHANS, F. P. de Almeida - *Heráldica Ciência de Temas Vivos*. Lisboa : Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, 1966, vol. 1

LARA, António de Sousa e DINIS, Benjamim Quaresma- *Genealogia, Heráldica e Ciências Sociais*. Cacém : Pedro Ferreira Editor, 1991

MORAIS-ALEXANDRE, Paulo - “A Heráldica e a Falerística do Politécnico de Lisboa : Um exemplo de Cultura e Arte” in *Atas do XXIX encontro da AULP – Arte e Cultura na Identidade dos Povos*. Lisboa : Associação das Universidades de Língua Portuguesa, 2019. Disponível em *Repositório Científico do Instituto Politécnico de Lisboa*. Endereço: <http://hdl.handle.net/10400.21/11317>

“O Gabinete de Heráldica do Exército e a heráldica associativa” in *O Timbre*. Lisboa : Academia Lusitana de Heráldica, 2013, n.º 1. Disponível em *Repositório Científico do Instituto Politécnico de Lisboa*. Endereço: <http://hdl.handle.net/10400.21/4373>.

OLIVEIRA, Humberto Nuno de ; SEIXAS, Miguel Metelo de - *Heráldica Universitária: Subsídios para o Ordenamento Heráldico da Universidade Lusíada*. Lisboa : Universidade Lusíada / Academia Lusitana de Heráldica, 2004

O TIMBRE

SAMEIRO, Pedro Sameiro - “A heráldica dos Reis Magos, um caso de heráldica de fantasia” in *Armas e Troféus*. Lisboa, 1995, janeiro-dezembro, 6.ª série, tomo 6.º.

SEIXAS, Miguel Metelo de- “Bibliografia de heráldica medieval portuguesa” in SEIXAS, Miguel Beirão de Almeida Metelo de ; ROSA, Maria de Lurdes (Coords.) - *Estudos de Heráldica Medieval*. Lisboa : Instituto de Estudos Medievais, Centro Lusíada de Estudos Genealógicos e Heráldicos, Caminhos Romanos, 2012. Disponível em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/12538/1/Biblio.pdf>.

SILVA, Jorge - “Instituto Politécnico de Lisboa adopta Armas e Traje Académico” in *Politecnia : Revista do Instituto Politécnico de Lisboa*. Lisboa: 2010, janeiro, ano 8, n.º 23.

VICENTE, Jorge Manuel Guerreiro - “Armas a contragosto” in *Tabardo*. Lisboa : Centro Lusíada de Estudos Heráldicos e Genealógicos/Universidade Lusíada, 2006, n.º 3

VOLBORTH, Carl-Alexander von - *The Art*

of Heraldry. London : Tiger Books International, 1991

Usi, Regole e Stili in Araldica. S.l. : Fratelli Melita Editori, 1994

Paulo Morais-Alexandre é Académico correspondente da Academia Nacional de Belas-Artes; Professor Coordenador da Escola Superior de Teatro e Cinema do Instituto Politécnico de Lisboa; Comendador da Ordem do Ouissam Alaouite (Reino de Marrocos).

Afiliação institucional:

Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes (CIEBA), Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal / Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Teatro e Cinema, Avenida Marquês de Pombal, 22 B, 2700-571 Amadora, Portugal.

E-mail: pmorais@estc.ipl.pt

A Academia Lusitana de Heraldica necessita do contributo de novos aderentes para poder divulgar, cada vez com maior vigor e amplitude, a Ciência Heróica (a Heráldica).

Importa combater preconceitos, há muito enraizados, e tornar esta ciência acessível ao maior número de pessoas que se sintam atraídas pelo inegável valor plástico deste antigo, mas sempre inovador, universo emblemático, que vigora desde a Idade Média.

Ajude-nos, através da sua adesão, a contribuir para uma popularização que urge, para retirar a heráldica da sua quase oculta existência, transformando-a numa realidade viva e vivida.

Contacta-nos:

academialusitanadeheraldica@hotmail.com

